



Neopaganismo e Bruxaria Moderna: A Preservação do Meio Ambiente Através do Culto à Natureza

Neopaganism and Modern Witch: Environment's Preservation Through The Cult To The Nature

Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle¹

Resumo: O neopaganismo é um movimento religioso que surge em retomada a antigos cultos da natureza verificados a partir de achados arqueológicos desde a Idade da Pedra, como as pinturas rupestres ao sul da França e ao norte da Espanha, datadas de 30.000 a 10.000 a.C. Tendo encontrado solo fértil para seu ressurgimento em decorrência do Romantismo do século XIX, resistia ao racionalismo, o ceticismo e o cientificismo do final do século XVIII. No século XIX, Jules Michelet, ao publicar “A Feiticeira”, passa a argumentar a favor da bruxaria enquanto reminiscência de uma religião pagã de culto à fertilidade da terra e adoração à natureza que se dá através de movimentos de protesto por parte de camponeses, possibilitando o surgimento da Bruxaria Moderna e da Wicca. O presente artigo tem por objetivo analisar a Bruxaria Moderna em suas origens, e como esta, enquanto manifestação de uma religião da natureza, se posiciona em relação à preservação do meio ambiente no Brasil, especialmente na cidade do Recife, entre os anos de 2010 e 2017. A análise de conteúdo, realizada com base em pesquisa bibliográfica, tem como principal aporte teórico os estudos de Rosalira Oliveira e Karina Oliveira Bezerra.

Palavras-chave: Neopaganismo; Wicca; Política; Meio Ambiente.

Abstract: Neopaganism is a religious movement that arises in return to ancient cults of nature verified from archaeological finds since the Stone Age, such as cave paintings in southern France and northern Spain, dating from 30,000 to 10,000 BC. Having founds oil fertile for its resurgence as a result of 19th century Romanticism, it resisted the rationalism, skepticism and scientificism of the late 18th century. In the 19th century, Jules Michelet, when publishing “A Feiticeira”, started to argue in favor of witchcraft as reminiscent of a pagan religion of cult to the fertility of the land and adoration of nature that occurs through protest movements by peasants, enabling the emergence of Modern Witchcraft and Wicca. This article aims to analyze a Modern Witchcraft in its origins, and how this, as a manifestation of a religion of nature, is positioned in relation to the preservation of the environment in Brazil, especially in the city of Recife, between the years 2010 and 2017. The content analysis, based on bibliographic research, has as main theoretical contribution the studies of Rosalira Oliveira and Karina Oliveira Bezerra.

Keyword: Neopaganism; Wicca; Policy; Environment.

1. Introdução

As religiões neopagãs, originárias de antigos cultos da natureza e da fertilidade da terra desenvolvidos em épocas remotas - tendo-se notícia da

¹ Doutoranda e Mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduada em Direito pela UNICAP.

manifestação de tais cultos a partir de achados arqueológicos que remetem à Idade da Pedra, como as pinturas rupestres datadas de 30.000 a 10.000 a.C. encontradas ao sul da França e ao norte da Espanha (CAMPBELL, 2015) - têm ganhado notoriedade através do desenvolvimento da Bruxaria Moderna desde a década de 1960 na Europa, caracterizando-se como importante fenômeno religioso a ser considerado e analisado por todo o mundo, desde a massiva manifestação de suas práticas na Grã-Bretanha, até a difusão pelos Estados Unidos da América e por países da América Latina (RUSSEL; ALEXANDER, 2019).

Na sociedade brasileira, o fenômeno ganhou notoriedade, especialmente, com a tradução para o português, no ano de 1989, do livro intitulado “O deus dos magos”, de autoria de Janet e Stewart Farrar, iniciados na Wicca Alexandrina, e do lançamento do livro “Brida”, do escritor Paulo Coelho, no ano de 1990 (BEZERRA, 2017). Essa notoriedade cresceu exponencialmente com base no desenvolvimento da religião Wicca no país.

Dada a sua ampla difusão, suas ramificações e sua diversidade na forma de culto, não é possível proceder a descrição de uma única identidade religiosa para a bruxaria, de forma que a mesma pode se mostrar bastante individualista, principalmente devido à ausência de uma autoridade central. Neste sentido, a história da bruxaria remete a uma identidade religiosa muito mais sentida do que especificada ou institucionalizada, uma vez que acomoda diversas formas de crenças e práticas (RUSSEL; ALEXANDER, 2019). No entanto, existem alguns pontos em comum, práticas inconfundíveis que unem o movimento religioso neopagão, entre eles a caracterização como religiões da natureza, ou seja, de culto à natureza enquanto manifestação do sagrado.

O presente estudo não tem a pretensão de abranger todas as questões relativas ao culto à natureza nas religiões neopagãs, mas tão somente de expor, em linhas gerais, como o surgimento de um movimento de retomada do paganismo antigo tende a influir na sociedade contemporânea, principalmente nas relações de enfrentamento a políticas opressoras, do ser humano enquanto agente inserido no ambiente, e principalmente com relação à preservação do meio ambiente em si.

Por fim, como forma de exemplificação para fins de análise, tomou-se como expressão significativa do desenvolvimento do movimento neopagão e da Bruxaria Moderna, a religião Wicca, sendo esta a que maior notoriedade tem adquirido no Brasil.

2. Neopaganismo, Bruxaria Moderna, E Movimentos De Contracultura Na Contemporaneidade

O neopaganismo, fenômeno religioso com grande adesão e em crescimento desde a década de 60, emergiu, especialmente na Europa, com grande expressão a partir da Grã-Bretanha, como movimento de retomada a antigos cultos agrários e da natureza, e assim se difundiu pelo mundo, para os Estados Unidos e outros países da América Latina. Neste sentido, a compreensão da palavra “pagão” adquire importância na medida em que passa a expressar a identidade de um movimento religioso em expansão no mundo inteiro, e em especial, na sociedade brasileira. Observe-se: *“O termo “pagão”, que significa “rústico” ou “labrego”, era insultuoso, e os cristãos aplicavam-no indiscriminadamente a todas as religiões monistas/politeístas com que se deparavam* (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 55).

Assim também, a definição de Karina Oliveira Bezerra:

O vocábulo pagão vem da palavra latina *paganus*, que significa literalmente “rural” ou “do campo”. Para os romanos, pagão era o morador do campo. Após a cristianização do Império romano, o termo pagão passou a designar pejorativamente todos aqueles que adorassem o espírito de uma dada localidade. Posteriormente, os escritos dos primeiros autores cristãos, referiam-se aos trabalhos de Platão e outros como “filosofia pagã”. Muito mais tarde, com o ressurgimento da literatura clássica no Movimento Renascentista, o termo pagão passou a ser sinônimo de “clássico”. No período da conquista das Américas volta a ter sentido pejorativo, sendo os autóctones, segundo os conquistadores, desprovidos da graça da revelação divina, portanto pagãos.

No entanto, já no século XVIII, verificou-se um despertar do interesse erudito pela herança celta do povo Galês. O Paganismo druídico foi encarado como “uma consciência benigna da harmonia com a natureza” e, no ano de 1717, foi fundada a primeira ordem druídica moderna – paradoxalmente chamada “Antiga Ordem Druídica” (BEZERRA, 2017, p. 25)

Depreende-se dos conceitos acima que as religiões neopagãs surgem como forma de prática relacionada aos cultos pré-cristãos condenados e perseguidos pela Igreja Católica especialmente na época da Inquisição, e que, como uma das formas de imprimir razão à perseguição, tal Igreja buscava utilizar-se do termo “pagão” pejorativamente, no sentido de minorar o valor de tais crenças perante a sociedade ou mesmo de demonizá-las, visando a supremacia cristã.

Ainda sobre o significado da palavra “pagão”, um idioma de origem latina ressalta a utilização da mesma com o objetivo de demonização de religiões pré-cristãs e não cristãs. Em italiano, as palavras “*stregheria*” e “*stregoneria*”, atualmente

utilizadas na Itália para designar a “bruxaria italiana”, hoje conhecida como “*La Vecchia Religione*” (“A Velha Religião”), bem como a palavra “*strega*”, utilizada para se referir à “bruxa”, foram ressignificadas, conforme se depreende a seguir:

[...] Os pagãos tinham adotado o costume de ofertar comida e bebida aos espíritos menores. O Sínodo de Roma, em 743, presumiu que esses espíritos fossem demônios e colocou as oferendas à margem da lei. [...] Do mesmo modo, o termo *striga* ou *stria*, originalmente um espírito noturno bebedor de sangue, passou a ser uma palavra comum para designar uma bruxa (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 70-71).

Deste modo, a origem do termo remete, principalmente, à condenação de práticas religiosas não católicas, em uma época na qual o cristianismo buscava sua hegemonia sem contestações.

Destarte, conforme muitas práticas não cristãs fossem manifestadas em decorrência do contato com a natureza, a influência que a mesma exercia sobre o cotidiano das pessoas do campo, e a forma como tudo na vida campesina girava em torno das “respostas” que a natureza manifestava em seus ciclos de plantio e colheita, nessas localidades, as forças e fenômenos da natureza foram mais facilmente adaptados às percepções religiosas e transformados em espíritos e divindades os quais deveriam ser adorados e servidos para que pudessem garantir um ano de fartura (FEDERICI, 2017; MURRAY, 2003).

Assim, essas religiões, ou manifestações religiosas que se desenvolviam com base na adoração da natureza, eram amplamente perseguidas e condenadas pelo cristianismo.

Um outro ponto importante a se considerar é a relação da prática da magia e da feitiçaria envolvendo fenômenos naturais, e como essas práticas eram recebidas e interpretadas nas sociedades onde eram praticadas.

O antropólogo Evans-Pritchard, por volta de 1937, ao estudar o povo azande do Sudão meridional, percebeu que os mesmos distinguiam três variedades de magia que possivelmente eram praticadas dentro da comunidade: a magia boa, que incluía ritos para obter a fertilidade das colheitas e era usada como sinônimo de justiça; a feitiçaria, considerada meio injusto e agressivo de obter as coisas por inveja, cobiça e outros sentimentos negativos; e o que o próprio Evans-Pritchard denominou de “bruxaria”, um poder interior herdado pelo homem a partir de seu pai, ou pela mulher a partir de sua mãe (EVANS-PRITCHARD, 1978).

Interessante observar que, a partir de 1981, um escritor norte-americano chamado Gary Charles Erbe, mais conhecido como Raven Grimassi, iniciaria seus escritos sobre a bruxaria hereditária com base na bruxaria italiana, despontando na Wicca, e enfatizando a comunicação natural com os ancestrais (GRIMASSI, 2002).

Ainda sobre bruxaria italiana, o historiador Carlo Ginzburg, desde 1966, passaria, em seus estudos, a atestar a existência de um culto à fertilidade no período da Inquisição, quando investigou e comprovou, por meio de depoimentos em processos inquisitoriais, a existência dos “*benandanti*” no norte da Itália, ou seja, pessoas que se diziam cristãs, mas que se utilizavam de magia e praticavam ritos para assegurar a fertilidade dos campos e as boas colheitas, além de estabelecer combates com bruxas e bruxos considerados adoradores do demônio:

Embora vagos e indiretos, esses testemunhos já permitem afirmar, com segurança, a existência na região de Cividale, entre meados e o final do século XVI, de um complexo de crenças (não restritas a uma esfera individual, privada) não testemunhadas em parte alguma, estranhamente misturadas a tradições bem conhecidas. Se, com efeito, as bruxas e os feiticeiros que se encontram na noite de quinta-feira para entregarem-se a “saltos”, “divertimentos”, “festas” e banquetes evocam imediatamente a imagem do sabá – o sabá que os demonólogos haviam descrito e codificado minuciosamente, e os inquisidores perseguido, pelo menos a partir de meados do século XV -, não obstante existem, entre as reuniões descritas pelos *benandanti* e a imagem tradicional e divulgada do sabá diabólico, diferenças evidentes. Nessas assembleias, ao que parece, não se presta homenagem ao diabo (a cuja presença, aliás, nem mesmo se faz referência), não se renega a fé, não se pisoteia a cruz, não se insultam os sacramentos. No centro delas há um rito obscuro: bruxas e feiticeiros armados com caules de sorgo que se entregam a torneios e combates com *benandanti* munidos de ramos de erva-doce (GINZBURG, 2010, p. 21-22).

Narram-se, portanto, uma espécie de luta do bem contra o mal, ambos se utilizando de magia e ervas, sendo que os *benandanti* combatiam com galhos de erva doce e auxílio de anjos, e as bruxas e bruxos, com caules de sorgo e auxílio do diabo. Não é difícil presumir que, ao final do julgamento inquisitorial, os *benandanti* eram também considerados adoradores do demônio por parte dos inquisidores que os julgavam (GINZBURG, 2010).

Mas antes de se falar em Inquisição, o neopaganismo parece remeter a antigas civilizações como as do Oriente Próximo, Grécia e Roma, entre outras, que, com suas crenças semelhantes, influenciaram ideias nas quais se baseou a Bruxaria Moderna para a sua elaboração e composição de seu panteão, principalmente voltado para as divindades com atributos oriundos ou manifestações diretas de forças cósmicas e da natureza. Neste sentido, para o Egito Antigo, por exemplo, deuses e



espíritos integravam um único cosmo vivo, sendo que distinção alguma era feita sobre o natural e o sobrenatural, e o feiticeiro era aquele que usava sua sabedoria para submeter os poderes cósmicos aos seus intentos (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 39).

Quer fossem realizados com a utilização de simples feitiçaria² quer fossem realizadas a partir da utilização de Alta Magia³, ambas as práticas do neopaganismo expressam a crença no cosmos como um universo ordenado e coerente, através do qual os elementos estão interligados e a natureza se inter-relaciona, de forma que cada ser humano desenvolve também um relacionamento íntimo com os astros, estrelas, minerais, plantas, e tantos outros fenômenos naturais, através desse relacionamento oculto existente entre os elementos do cosmos e as divindades, configurados por intermédio de uma Teia Universal que a tudo envolve (BEZERRA, 2017).

Dito isto, é preciso observar que este movimento de retomada de consciência da Bruxaria Moderna enquanto religião da natureza apenas foi encontrar solo fértil para seu ressurgimento e ampla difusão, em decorrência do Romantismo do século XIX. Isso porque, após o amplo desenvolvimento do racionalismo, do ceticismo e do cientificismo que se deu a partir do Iluminismo no final do século XVIII, a crença na bruxaria surge como alternativa para sanar a busca pelo retorno das emoções e preocupações humanas, ou a retomada do sentimento religioso e da magia, esquecidos em decorrência do racionalismo exacerbado que se desenvolvera.

Foi no século XIX, portanto, mais especificamente em 1862, que o historiador Jules Michelet, ao publicar a obra “A Feiticeira”, passou a argumentar a favor da bruxaria enquanto reminiscência de uma religião pagã de culto à fertilidade e adoração à natureza que se transformara em um movimento de protesto por parte de camponeses, os quais utilizavam suas crenças populares sobre os cultos da fertilidade para desafiar seus opressores inseridos no contexto da Igreja Católica. A obra se mostrou fundamental para o desenvolvimento da Bruxaria Moderna porque pautada, também, na compreensão da perseguição política da Inquisição, e na resistência contra a tirania cultural (MICHELET, 2003).

²Neste sentido, considere-se feitiçaria como a mera atividade mecânica e física realizada com a finalidade simbólica de produzir outra.

³Neste sentido, considere-se como Alta Magia aquela feita a partir de experimentos, como os alquímicos, que precederam o desenvolvimento da ciência física nos séculos XVI e XVII.

A Bruxaria Moderna teve como precursores, ainda, os estudos do antropólogo James Frazer ao publicar, em 1890, a obra “O Ramo de Ouro”, através da qual o mesmo elucidou práticas de magia e seus cultos, também às divindades e aos ciclos da natureza, reunindo mitos, lendas e relatos sobre magia e religião em diversos povos do mundo (FRAZER, 1978).

Nove anos depois, o folclorista e jornalista Charles Leland, ao publicar, em 1899, a obra “Aradia, o evangelho das bruxas”, utilizou-se, pela primeira vez, do termo “A Antiga Religião” – “*La Vecchia Religione*” inserido no contexto da bruxaria de origem italiana, para designar uma religião de retomada de antigas práticas religiosas pré-cristãs (LELAND, 2016).

A arqueóloga, historiadora e antropóloga Margaret Murray, por sua vez, no ano de 1921, em sua obra “O culto das bruxas na Europa Ocidental”, argumentou que a bruxaria europeia era a manifestação de uma antiga religião da fertilidade baseada no culto de um deus cornífero que sobrevivera à Idade Média e que chegaria a se estender, pelo menos, até o começo do período moderno (MURRAY, 2003). Ressalte-se que este deus cornífero, deus responsável pelo sucesso das caças e colheitas, foi ressignificado pelo cristianismo como o diabo “chifrudo”.

E foi principalmente através das obras de Michelet, que ousou descrever a bruxaria como sobrevivência do paganismo contra a opressão da Igreja Católica e como expressão de liberdade, de Leland, que descreveu a adoração da Deusa como expoente da Antiga Religião, e de Murray, que enfatizou a Antiga Religião como uma religião da fertilidade e da terra, que, juntamente com a “teoria da Deusa Tríplice” de Robert Graves, possibilitaram o surgimento da Bruxaria Moderna e do neopaganismo, tendo essas crenças sido sintetizadas em duas obras bases para a religião Wicca, quais sejam “A bruxaria hoje”, de 1954, e “O Significado da Bruxaria”, de 1959, ambas de autoria do escritor Gerald Gardner (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

A partir dos estudos e apontamentos de Gardner, uma diversidade de pensamentos e diferentes tradições começaram a surgir entre os praticantes da bruxaria, em especial a Wicca, que se ramificou a partir de ênfases práticas e ideológicas diversas a pautas emergentes na sociedade dadas por seus representantes. Estes pensamentos fervilhavam no contexto do desenvolvimento da contracultura que se iniciava nos anos 60, fazendo ressurgir sentimentos de proteção ao meio



ambiente e de utilização do mesmo, através de objetos como cristais, plantas entre outros, como base para a execução de práticas mágicas e divinatórias:

Os pontos de vista radicais da contracultura eram quase idênticos aos valores do movimento romântico do século XIX –e, em grande parte, derivados deles –, os quais eram alicerçados sobre a ideia da capacidade de aperfeiçoamento da natureza humana, desde que libertada das correias da autoridade tradicional. O mantra dos românticos rezava que sentimentos eram mais importantes que pensamentos lógicos, e que o poder criativo e original superava de longe o racional e o empírico. A década de 1960 introduziu um romantismo renovado e fundamentado nos sentimentos, sendo notavelmente manifestado por meio do ambientalismo, do feminismo, da liberdade sexual, do uso de drogas, das diversões eletrônicas, da liberação gay, da literatura e da filmografia ocultista, dos cristais e do tarô. [...] As ortodoxias de todos os tipos – particularmente as religiosas – foram zombadas e vilipendiadas. Este vasto terreno de transformações sociais tornou-se o ambiente perfeito para o florescimento da bruxaria moderna e neopagã (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 243).

Essas pautas coincidiram com outro movimento que também influenciou no crescimento da Wicca e da Bruxaria Moderna, qual seja o da Nova Era, uma filosofia de vida que acredita em uma atual “Era de Aquário” suplantando a “Era de Peixes” (“Era Cristã”), que vem contribuir também para a abertura da sociedade com relação à Bruxaria Moderna, e para filosofias políticas de resistência às estruturas de repressão, bem como para um retorno das atenções que se voltem, entre outros pontos, para a proteção da natureza (BEZERRA, 2017).

Nesta época, diversas correntes da bruxaria e do neopaganismo foram surgindo no seio da sociedade contemporânea. Uma nova tradição da bruxaria criada por Alex Sanders e denominada “Bruxaria Alexandrina”, por exemplo, enquanto manifestação inserida no contexto do movimento de contracultura da Grã-Bretanha entre o final da década de 1960 e 1973, manteve a tradição acessível aos homossexuais, especialmente nos Estados Unidos da América (SANDERS, 2019). Zusanna Budapest, por sua vez, de origem húngara, tendo chegado aos Estados Unidos em 1959, e mais tarde se dirigido ao sul da Califórnia, estabeleceu seu primeiro coven em 1971, fundindo o paganismo e elementos da Wicca Garderiana, com seus posicionamentos políticos feministas, no que a religião ficou conhecido como “Espiritualidade Feminina”, e posteriormente foi caracterizada como uma nova tradição, a “Bruxaria Diânica”.(RUSSELL, ALEXANDER, 2019, p. 2017-2018). Além dela, também Miriam Simos (Starhawk) estabeleceria a aliança da bruxaria com o feminismo (STARHAWK, 2010).

A Bruxaria Moderna, como movimento de retomada dos antigos cultos agrários, além da celebração dos ciclos da natureza, do respeito à vida e à Grande Teia Universal através da qual tudo está interligado, volta-se também para o culto primordial da Deusa e do Deus, tendo como principais aspectos da Deusa aqueles voltados para a “Mãe Terra, que nutre seus filhos”, e do Deus aqueles voltados para o dono das matas, da natureza indomável de tudo o que é livre, e o senhor das colheitas que garante a vida (BEZERRA, 2017).

Assim, considerando a natureza como expressão direta do sagrado e a si próprios como parte integrante dessa energia sagrada, os praticantes da Wicca voltam-se para um culto extremamente relacionado com a proteção ao meio ambiente e a disseminação de pautas ambientais, como o desmatamento, a extinção das espécies, as mudanças climáticas, a urbanização desenfreada e o não uso sustentável dos recursos naturais. Neste sentido, muitos adeptos do neopaganismo assumem, ainda, filosofias de vida específicas, como as do vegetarianismo⁴ e do veganismo⁵.

Em Recife, capital de Pernambuco, no Brasil, por exemplo, no ano de 2017, a cientista da religião Karina Oliveira Bezerra, ao escrever o livro “Wicca no Brasil: magia, adesão e permanência” e perguntar quais elementos da religião Wicca ocasionaram o ingresso e a permanência de adeptos na mesma, verificou que 82,5% das entrevistadas e dos entrevistados foram atraídas e atraídos pelo culto à natureza que fundamenta a religião. Sobre isto, comenta a autora:

O sentido das celebrações wiccanas é honrar as divindades repetindo anualmente seus mitos, mas, ao mesmo tempo, é se conectar aos mistérios, religar-se à divindade que é a natureza e o próprio wiccano. Para isso utiliza-se a magia que é a energia utilizada para gerar poder nos ritos (BEZERRA, 2017, p. 2014).

Assim, o calendário anual utilizado em religiões neopagãs, especialmente a Wicca, encontra-se voltada para a realização das festividades em decorrência dos sabás, os quais marcam a chamada “Roda do Ano” através da posição do sol no céu e das estações do ano em seu período de fertilidade ou recolhimento, e dos esbás, os

⁴ Considere-se como vegetarianismo um regime alimentar baseado no consumo de alimentos de origem vegetal, sem a ingestão de alimentos de origem animal, com ou sem uso de laticínios e ovos.

⁵ Considere-se como veganismo um estilo de vida que consiste em se abster de qualquer ingrediente animal em qualquer coisa utilizada, podendo envolver desde produtos de limpeza e beleza à fabricação de roupas.



quais marcam dias de Lua Cheia ou Lua Nova, a depender da tradição em questão (MURRAY, 2003, p. 87-109).

Diante disto, os ciclos de plantio e colheita, antes festejados conforme os costumes de comunidades pagãs agrárias locais, vêm sendo adaptados pelos seguidores das doutrinas neopagãs da atualidade, com a finalidade de manterem vivos na contemporaneidade os relatos a respeito dos sabás, sejam eles “primitivos”⁶ de fato, românticos ou modernos:

Nada persiste mais na mente do que a lembrança de um dia festivo, e traços de antigos festivais pagãos podem ser claramente encontrados na Idade Média – e daí até o presente. Alguns festejos pagãos ainda são (se bem que agora, no início do século XXI, de um modo autoconsciente) praticados em pequenas cidades e aldeias das Ilhas Britânicas, da Alemanha e de outras regiões da Europa. Algumas das mais importantes festividades adquiriram sinistra reputação e acabaram associadas, durante a caça às bruxas, às assembleias ou “sabás”. As bruxas contemporâneas, apoiando-se orgulhosamente nos próprios festejos antigos e em sua associação com as bruxas medievais e modernas, fizeram dessas antigas festas o alicerce de seus próprios e mais importantes “sabás” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 67).

Um ponto interessante a ser enfatizado ainda é o de que, com relação à postura social, praticantes do neopaganismo, e inserido nele a Wicca, que respeitam, de fato, a remissão de sua religiosidade às práticas pagãs antigas, verificadas desde a Idade da Pedra, e suas origens sociais e classistas, denunciadas por volta da década de 60 com remissão às perseguições Inquisitoriais, como herdeiros de um movimento campesino contestador das estruturas que os oprimiam a abandonarem seus rituais sagrados de adoração aos ciclos e divindades da natureza, devem manifestar-se contrários aos abusos de uma sociedade exploratória e degradante das condições humanas e naturais, não sendo favoráveis a nenhum sistema político que possa prejudicar a vida ao seu redor, manifestar opiniões preconceituosas e exclusivistas, ou estabelecer condições de desigualdade social.

Mas esta relação das lutas sociais com o neopaganismo não existe somente em decorrência do surgimento do mesmo em período de intensa alteração de pensamento político na sociedade, e sim, pela percepção do sagrado existente na realidade que se vive e não na eventual promessa de uma realidade santa posterior. Explica Rosalira Oliveira:

⁶Neste sentido, considere-se “primitivo” não como atrasado, mas sim como primordial. Trata-se aqui do caráter de maior proximidade com as festividades das comunidades pagãs originárias, com menos adaptações possíveis aos padrões da atualidade.



Temos aqui uma perspectiva bastante distinta daquela das chamadas “religiões do livro”. Do ponto de vista espiritual, os pagãos estão em casa na Terra. A sua aspiração não é transcender o mundo material em busca de uma outra realidade, mas sim, integrar-se plenamente neste mundo, visto como sagrado. Na sua concepção, sagrado e profano não se referem a realidades distintas, mas acham-se imbricados um no outro. A realidade transcendente está presente aqui mesmo, na materialidade do mundo físico. Esta celebração do “estar em casa” em nossos corpos e na natureza, constitui, na opinião de Graham, “a maior contribuição do Paganismo para o debate ecológico hoje” [...]

A cosmovisão pagã valoriza e celebra o mundo físico vendo-o como manifestação de uma realidade invisível, porém real, um princípio criador que está presente em tudo e que a tudo unifica. Concebidas como parte da Terra e da natureza, as divindades pagãs acrescentam uma dimensão espiritual à Ecologia. O modelo da divindade imanente estimula o respeito pelo espírito sagrado que habita em todas as coisas vivas e o compromisso com os seus plenos desenvolvimento e expressão. Nesta perspectiva, o meio ambiente é visto como sagrado, inteligente, habitado por um poder místico e dotado de uma vitalidade criadora (OLIVEIRA, 2009).

Compreende-se, assim, que a defesa do meio ambiente, para o neopaganismo, constitui-se na defesa de sua própria realidade sagrada, a defesa da sacralidade da vida e de toda manifestação desta, que torna tanto o praticante do neopaganismo como tudo o que o rodeia na presente realidade, parte de seu sagrado, sendo necessário protegê-lo.

Assim, sendo o neopaganismo um movimento religioso que remete a origens camponesas de resistência a um sistema opressor cristão, e amplamente desenvolvido no contexto dos movimentos de contracultura por volta de 1960, torna-se fundamental para praticantes dessa forma de pensamento religioso o ato de preocupar-se com o desenvolvimento de políticas públicas que viabilizem a manifestação saudável da vida em todos os sentidos, seja através da adequação dos espaços sociais, da preservação do meio ambiente em face da mercantilização e do consumismo, ou mesmo do desenvolvimento saudável e não exploratório do cotidiano trabalhista.

Neste sentido, o desenvolvimento saudável da natureza como um todo, humana e não humana, torna-se mais importante do que o desenvolvimento do capital, e as desigualdades sociais e de classe devem ser combatidas para a manutenção de um Meio Ambiente harmonioso e equilibrado, sendo este considerado expressão direta das divindades e espíritos cultuados na religião.

Essas práticas de enfrentamento vêm sendo realizadas por neopagãs e neopagãos de toda parte, principalmente aqueles inseridos no contexto dos grandes centros urbanos, onde o contato com a natureza parece cada vez mais inviabilizado em decorrência de políticas de desenvolvimento empresarial e de consumo e

urbanização desenfreadas. Por conta da defesa da vida em tudo que os cerca, muitos adeptos e adeptas do neopaganismo acabam se tornando ecologistas, ambientalistas, líderes comunitários, sempre com a mesma preocupação: a preservação do meio ambiente enquanto manifestação direta do sagrado, mantenedor de toda a vida, e a resistência a sistemas políticos opressores, degradantes e classistas, não somente para o ser humano, mas principalmente para todo o ambiente ao seu redor.

3. Considerações Finais

O posicionamento pagão de preservação e reverência à natureza em decorrência da própria dependência vital por parte das comunidades pré-cristãs originárias camponesas foi posto na contracultura de um sistema político e religioso de sociedade que, tendo se desenvolvido através de um modelo de dominação e exploração de recursos naturais, mostrou-se degradante ao Meio Ambiente.

Desde as suas origens a religião Wicca, enquanto religião neopagã, se mantém imersa nesse movimento de contracultura, colocando-se como fenômeno religioso portador de uma mensagem não somente que fala das relações humanas, mas principalmente, que possa compreender o ser humano como integrante, influenciador e influenciado por energias cósmicas e por um universo extremamente amplo, onde tudo o que o integra exerce influência entre si.

Considerando que a unidade com as forças naturais é parte da própria manifestação do divino e da sabedoria, praticantes da bruxaria celebram as mudanças das estações, os ciclos da vida, as fases lunares, os elementos água, fogo, terra e ar, e toda a natureza ao seu redor, ensinando que tudo o que os circunda é parte da criação e sagrado.

Neste sentido, para a Wicca enquanto manifestação direta da crença neopagã, uma vez que a Terra e seus recursos naturais são responsáveis pela manutenção da própria energia vital, torna-se essencial desenvolver práticas cotidianas de respeito à natureza, estimulando uma vida voltada para padrões ecológicos.

E por compreender a inserção do povo brasileiro em um sistema capitalista degradante, em larga escala, dos recursos naturais e humanos, o caráter revolucionário e político das religiões neopagãs, entre elas a Wicca, mantêm-se vivo na sociedade, verificado a partir do enfrentamento a práticas religiosas opressoras até os dias atuais. E uma vez que a preservação do ambiente em que se vive é base

fundamental para a continuidade da vida em todas as sociedades, a Bruxaria, tendo se ramificado a partir da ênfase dada por diversos representantes a pautas sociais específicas e mantendo o respeito ao meio ambiente enquanto expressão do divino, mostrando-se como uma religião sempre compatível com as necessidades de seu tempo.

O resultado do presente estudo, voltado para a percepção das “Religiões da Terra” como agentes protetores do Meio Ambiente como sagrado demonstra a relevância de se observar, ouvir e seguir os ensinamentos dos praticantes do neopaganismo no Brasil, principalmente em pautas ecológicas, uma vez que por estes, nenhum sistema degradante do planeta em que se vive como casa comum, notadamente aqueles que valorizam o capital financeiro em detrimento do bem viver e da natureza, será autorizado a vigorar.

Referências

- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As deusas, as bruxas e a igreja: séculos de perseguição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.
- BEZERRA, Karina Oliveira. **Wicca no Brasil: magia, adesão e permanência**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- CABOT, Laurie. **O poder da bruxa: a terra, a lua e o caminho mágico feminino**. 13. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. **Deusas: os mistérios do divino feminino**. São Paulo: Palas Athena, 2015.
- CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FRAZER, Sir George James. **O ramo de ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- GARDNER, Gerald B. **O significado da bruxaria**. São Paulo: Madras, 2003.
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GRAVES, Robert. **A deusa branca: uma gramática histórica do mito poético**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



- GRIMASSI, Raven. **Os mistérios wiccanos**: antigas origens e ensinamentos. 3. ed. São Paulo: Gaia, 2002.
- HUTTON, Ronald. **The Witch**: a history of fear, from ancient times to the present. London: Yale University, 2018.
- LELAND, Charles G. **Aradia**: O Evangelho das Bruxas. 2. ed. São Paulo: Madras, 2016.
- MICHELET, Jules. **A feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003.
- MURRAY, Margaret. **O Culto das Bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.
- OLIVEIRA, Rosalira. **Ouvindo uma Terra que fala**: O renascimento do Paganismo e a Ecologia. São Paulo: Revista Nures, 2009.
- OGDEN, Daniel; LUCK, Georg; GORDON, Richard; FLINT, Valerie. **Bruxaria e magia na Europa**: Grécia Antiga e Roma. São Paulo: Madras, 2004.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.
- SANDERS, Alex. **Born to be king**: a glimpse into the apprentice ship of the witch and magician. London: Rose Ankh Publishing Ltd, 2019.
- STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras**: guia de rituais para celebrar a Deusa. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.